

JOSÉ PACHECO PEREIRA, LEITOR DE CAMILO

“A vantagem de ler livros como o “Amor de Perdição” é que nos tornam mais livres”

Pacheco Pereira

Resumo da conferência de José Pacheco Pereira no “Colóquio Internacional Amor de Perdição: olhares cruzados”, no dia 17 de Novembro de 2012, com o título “Sensibilidades fora de moda. A propósito dos amores de perdição”.

PALAVRAS-CHAVE

Amor. Antigo Regime. Clientela. Convento. Dinheiro. Ética. Hierarquia. Honra. Linguagem. Morte. Natureza Humana. Património. Patrocinato. Trabalho. Sentimentos. Vergonha. Virtudes.

O meu interesse, chamemos assim, numa releitura sobre o “Amor de Perdição” (AP), do qual essencialmente vou falar, tem a ver com alguma coisa que me interessa à já algum tempo, que é fazer uma espécie de catálogo dos sentimentos que já não se usam. Contrariamente à presunção do que muitas vezes existe, é que nós temos sempre a noção de que os sentimentos foram sempre os mesmos; e que os homens e as mulheres amaram-se sempre da mesma maneira, havendo uma espécie de repetição cíclica dos sentimentos tradicionais, como se eles fossem próprios à natureza humana, uma ideia de que a natureza humana se traduz num elenco de sentimentos, mais ou menos exacerbados, mais ou menos na moda, e que esse catálogo dos sentimentos serve exactamente para explicar as características do humano.

Sempre senti uma grande dúvida se, de facto, era assim, na medida em que interessava, em particular, sentimentos que claramente não têm hoje uso corrente e que claramente são sentimentos cuja essência mudou, sentimentos antigos, e que mesmo que em alguns casos parecem sentimentos que se relacionam com os dos dias de hoje, estão longe de o serem. E, desta forma, interessava-me falar-vos hoje como leitor do “Amor de Perdição”, fazer exactamente o elenco de um conjunto de sentimentos que são retratados por algumas personagens durante o enredo do AP e que também estão longe de corresponder à realidade dos dias de hoje e desse ponto de vista são arqueológicos. Às vezes, não há melhor maneira de perceber essa arqueologia, senão através do confronto entre a actualidade e os tempos retratados no romance, numa altura em que a sociedade portuguesa encontrava-se num processo de grande transformação: o fim do antigo regime, o processo, se quisermos, que vem desde as ideias da revolução Francesa e das invasões francesas e depois mais tarde com a guerra civil, que ajuda a compreender porque é que razão é que os nossos políticos não devem falar da brandura dos nossos costumes, porque se há coisa que os costumes dos portugueses, em muitas circunstâncias, não foram brandos, foram, por exemplo, nesse período da guerra civil, em que se matou com bastante diligência uns aos outros, retrato, aliás, que também existe no AP, mais à frente vamos falar da morte, e que a morte era relativamente trivial. Assim, estamos perante um Portugal com uma profunda mudança,

evidentemente que no texto de Camilo não é retratar essa mudança, mas a verdade é que ela é um pano de fundo de muito dessas questões.

Começa por aparecer nos próprios personagens. Temos duas personagens antigas, duas personalidades que remetem para o Portugal do Antigo Regime, chamemos assim, dois patriarcas familiares em conflito, ambos conflituando, aliás, pelos seus pergaminhos. Muito significativamente, o romance abre logo com a identificação de Domingos Botelho, dizendo o nome completo, e o nome completo é relevante, porque o nome completo é a marca dos antepassados, a marca da história camiliana. Como se trata de um mundo e de uma sociedade na qual a hierarquia, os pergaminhos, o apelido são relevantes, assim como a nobreza das famílias, são muito importantes na descrição das duas personagens paternas. Nessas personagens, explica-se também a vinheta familiar, o ódio familiar, muito típico das sociedades mediterrânicas. Aqui há um elemento, e continuo a achar que a melhor descrição antropológica, duma sociedade como a portuguesa, é de facto aquela clássica relação entre a honra e a vergonha.

A maioria das personagens do romance, mesmo no momento em que essa perturbação, essa erupção do amor, aparece, são centradas na relação de honra e da vergonha, que é evidentemente património daqueles que podem ter honra, ou seja, das velhas famílias, aqueles que estão em cima, porque na verdade as personagens debaixo não têm validade a ter direito à honra e à vergonha, embora assumem muitas vezes essa dualidade. Aliás, em vários diálogos fazem-se o confronto social entre os filhos de algo e aqueles que não são filhos de algo, essa diferença entre os comportamentos derivados da ideia de honra e da ideia de vergonha, não são transportáveis para baixo com todas as suas consequências, a começar pela enorme desigualdade no tratamento da justiça em relação aos criminosos de baixo e aos criminosos de cima, que é também um dos elementos quase natural na descrição romanesca.

Depois temos Simão e Tresa de Albuquerque com os seus 15 e 16 anos e do ponto de vista actual são personagens completamente inverosímeis. Lembram-se que são as personagens com esta idade que são os que fazem os “Morangos com Açúcar”; e é deliberadamente que digo isto, já que ninguém imagina, nem de perto nem de longe, que qualquer daquelas personagens pode falar como as personagens do AP e/ou muito menos escrever as cartas escritas como no AP. Como é que, presumo, no tempo de Camilo, apesar de tudo (Camilo não está a fazer ficção científica), a maneira como ele trata as personagens, poderia parecer minimamente inverosímil aos olhos dos seus contemporâneos, alguma coisa mudou drasticamente desde essa época até hoje. De facto, isso não deixa de ser relevante, porque uma das razões que torna difícil popularizar nas gerações mais novas este romance, é exactamente a enorme factura de sentimentos, de exposição da fala, de conversação, de vocabulário de entendimento e de conhecimentos que têm ambos e temos que considerar que certamente a escolaridade na época devia ser excelente (ninguém escreve aquelas cartas, nem fala daquela maneira), que incluiria certamente o conhecimento aprofundado dos clássicos e que mesmo quando Camilo glosa nos seus textos os parlamentares da época, estes eram infinitamente mais cultos do que os parlamentares dos dias de hoje. Temos aqui um problema de facto de inverosimilhança actual da maioria destas personagens. Como na época as personagens mais velhas vinham do mundo antigo, portanto, severas, rígidas,

embora Camilo tenha sempre o cuidado de dizer que a civilidade não era assim tão grande quanto isso, nem os comportamentos são assim tão limiares quanto isso. Agora, isto é válido para todas as personagens, mesmo para as personagens do AP, porque Simão Botelho deixa-se sentir lisonjeado pelo amor de Mariana, quando na realidade era suposto ela não ter a mais pequena sensibilidade. Mas não, como aliás Teresa de Albuquerque, que apesar dos seus 15 anos, o ser suposto não ser experiente, já que está praticamente presa às bonecas e às saias da mãe, mas a Teresa lá esconde o tinteiro, tem algum trunfo artesanato clandestino que era necessário para manter uma relação, em grande parte também clandestina. Mas é evidente que o mesmo acontece com outras personagens, caso de Baltasar, que é uma personagem interessante, logo descrito como tendo uma ausência de brios. Mas o que é que isto significa? No sentido de que não fazes porte, não queres ter boas notas... No fundo, tais palavras estão em desuso, porque os sentimentos que elas transmitem estão igualmente em desuso. Ora, como Baltasar tinha uma completa ausência de brios, de facto, isso significa que se tratava de um homem egoísta, presunçoso, cruel, não se pode dizer que seja propriamente covarde, senão não se encaixaria aqui, apesar de ter mandado os criados matar, fazia parte da hierarquia normal das coisas e, portanto, é mais um papel que ele tem, como em relação a Teresa Albuquerque, que inclui muito dos elementos que são na descrição romanesca usuais nessa época, como, por exemplo, a hipocrisia. Também temos uma variante do suspense, quando João da Cruz, muitas vezes, ao falar com Simão Botelho, lhe dá conselhos que nós poderíamos ouvir de Sancho pança a D. Quixote, aquilo que na sua experiência comezinha de todos os dias está patente, em que é suposto fazer ou não fazer; mas também a afirmação da sua autoridade, como em determinados momentos quando diz: “em minha casa ninguém manda, a não ser eu”, assim como a figura de Mariana, que tem aquela função romanesca, mas que também espelha um pouco aquele esquema social. Portanto, a ordem e a hierarquia social estão profundamente inscritos neste livro. O primeiro dos aspectos é a cada um o seu devido lugar, em sociedade estritamente qualificadas e hierarquizadas. Há muitos diálogos significativos dessa relação no AP.

Segundo aspecto que também tem a ver com esta hierarquia, ou com a perturbação a esta hierarquia, tem a ver com a enorme diferença entre o nome e o património. Temos muita nobreza arruinada, principalmente no norte do país e, portanto, o nome não correspondia ao património; e isso era um problema dramático. Não está só presente na literatura portuguesa, como igualmente na espanhola e na francesa. O grande nome e o pequeno património é igualmente interessante para descrever a fidalguia arruinada, muito mais interessante do que a fidalguia opulenta, a qual tem um pequeno papel ficcional. E o papel do dinheiro não é o mesmo do de hoje. O dinheiro é também a história sentimental do próprio dinheiro e é relevante porque nós chamamos dinheiro à mesma coisa, ou seja, os bens, de usar os bens para controlar a vida própria, achando-se que a relação com o dinheiro era sempre igual. Temos em Camilo o dinheiro, em Balzac, até em Eça, e se formos á actualidade, e estou a referir-me à actualidade circulante da comunicação social, nós vemos que o papel do dinheiro é bastante distinto e a relação simbólica do dinheiro como se passa muitas vezes na maioria das personagens das classes sociais de cima, ninguém trabalha. Aliás, é mantido

nos filmes de Hollywood, já que as personagens nunca trabalham, é um aspecto interessante. A não ser naqueles filmes socialmente de esquerda que, de um modo geral, o trabalho tem um papel nos enredos romanesco e nos nossos dias ainda permanece a ideia de que o trabalho, de alguma maneira, degrada. O trabalho significa sempre a pretensão inferior e era um drama para as famílias da nobreza: a 1.^a geração trabalha em detrimento da 2.^a geração, que já não trabalha, e que achavam que isso era a sua condição normal, não porque não tivessem cargos, tinham até muitos, mas tais cargos não eram exercidos.

Outro aspecto também retratado no AP e, esse sim, infelizmente, é muito actual, tem a ver com a ordem e a hierarquia social das relações de clientela e de patrocínio, que permeiam toda a sociedade portuguesa. Tais relações são fundamentais para perceber Portugal. Tais relações entre a clientela e o patrocínio, que deram o sistema da “cunha” em que hoje vivemos, tornaram difíceis, entre outras coisas, a instituição do mérito, e o mesmo se passa em relação ao sistema político, sendo o melhor exemplo o senhor Joãozinho das perdizes, da “Morgadinha dos Canaviais”.

Outra característica, tem a ver com a relação entre os homens e as mulheres. Aqui ainda estamos claramente num mundo em que os homens mandam nas mulheres. As mulheres são, de alguma maneira, património. Para além das filhas serem pertença dos pais, é verdade que estamos a falar de menina, a verdade é que os pais têm o domínio completo sobre toda a família, a mulher, as filhas e os filhos, e que só perdem quando há uma perturbação, que Camilo numa pequena frase deste livro dá a entender e que é uma espécie de natural situação, e que é o adultério, que tem um papel regulador natural em relação aos sentimentos forçados. Aliás, a ideia de que os homens governam as mulheres, aparece, por exemplo, num diálogo entre Teresa Albuquerque e o seu primo Baltasar: “O primo, por acaso, quer-me governar?” Existe, naturalmente, o cárcere privado para as mulheres que são os conventos, e aqui Camilo, de facto, está a falar da sociedade do seu tempo, estando patente as velhas noções do anti-clericalismo português, sendo os conventos, na sua essência, um lugar de hipocrisia. Os conventos, que são os dormitórios do coração, definição magnífica, as pessoas iam para lá vomitar os sentimentos, por assim dizer, para se purificarem, são na realidade descritos no AP como lugares de hipocrisia. De facto, esta é uma sociedade em que os homens e as mulheres não são iguais, a não ser quando se subvertem. Toda esta sociedade é premiada pela ideia da ordem, da hierarquia e, na ficção, perturbada pela paixão.

Outro sentimento antigo, que hoje está claramente em desuso, é a coragem e a valentia. Quem não é corajoso, não é homem. As provas da coragem têm que ser sistematicamente realizadas. Mas é claro que a educação masculina é, em grande parte, uma educação para a coragem (não se trata já propriamente da educação militar), mas é uma educação de varapau, de rixa, tal como era fundamental em Coimbra, posto que em Coimbra se matava por menos. Há um excerto do livro em que quando o pai de Simão é informado de que o seu filho tinha morto alguém, ele pergunta: “Mas foi em Coimbra?” Em Coimbra, não era importante. Esta valentia, entendida como branda, era vista como iniciática, uma mistura de fanfarronice com a própria valentia e que hoje está em desuso. A coragem não é muito valorizada na nossa sociedade, porque em grande parte não é exercida.

Claro que nós estamos, com este romance, perante a presença da morte, e que é muito significativa. A morte é quase como que trivializada, já não digo em Coimbra, que trivial, mas há várias distinções e classificações quanto à morte. Por exemplo. Há dois tipos de morte, na maneira de poder matar alguém: ou se mata por ofício, quando se é matador profissional, ou se mata de aperto, quando uma pessoa está aflita e há toda uma hierarquia das mortes, passando a ideia de que é legítimo mandar matar, e talvez seja por isso que Baltasar não tem brio. Quando se manda matar alguém da mesma condição, manda-se os criados e quando é suposto matar alguém, faz-se uma emboscada, a qual tem a ideia de traição e talvez seja por isso que Camilo diz que Baltasar não tem brios. O número de personagens que morre (não chega a ser, apesar de tudo, uma tragédia shakespeariana) é significativo, uns morrem de paixão e outros morrem com o arcabouço.

E por último o amor. Este amor também está em desuso. Aliás, sempre achei que este amor é uma invenção dos romancistas. O amor praticamente por epifania, homem encontra mulher, numa época em que o amor era essencialmente desta natureza, e subitamente cai-lhes em cima aquilo que Camilo chama a “liberdade de coração”, o amor é um elemento apocalíptico de perturbação que surge na vida das pessoas. Do ponto de vista romanesco, é muito bem feita a descrição numa única frase onde temos um antes e um depois, quando no início do romance diz assim: “Simão amava”. A partir daí é outra história, é o mundo da grande desorganização; e este amor, em grande parte, é um elemento perturbador na ordem social e das relações estruturadas. Há aqui um outro elemento perturbador, mas que não é assim tão relevante, e que é o vinho.

Em bom rigor, tudo isto é anacrónico, eu não digo que isto não seja excelente, mas vamos ter consciência, e não digo que o anacronismo seja uma coisa fundamental na vida das pessoas pela cultura e pela sua própria natureza. Se não percebermos o AP como anacrónico, não o percebemos; e não é por acaso que hoje não se lê. Nós somos como que os resistentes da última fronteira de vários livros, inclusive o AP. Não se lê, lê-se pouco, pode-se ler outras coisas, mas a verdade é que estes livros remetem para um mundo para o qual nós não temos um quadro. Temos uma memória muito curta que é a nossa memória social de encontrar correspondência e, de facto, como as paixões contemporâneas, mesmo que mimetizem este tipo de amores de perdição, têm, de facto, uma duração muito curta, a não ser no domínio da pura patologia, e que de alguma maneira este amor entre Simão e Teresa fossem hoje no *facebook* parecer em qualquer versão contemporânea, ou em *sms*, para substituir as cartas, possa surgir qualquer versão contemporânea deste amor apaixonado, este amor perturbador. Com a diferença de que na sociedade de hoje, predomina o mito romanesco, mesmo que não seja praticado. A grande vitória dos românticos é que deixaram a ideia de que todos os verdadeiros amores, paixões e sentimentos são de natureza romântica, até porque são espontâneos, não têm nada a ver com o dinheiro, não têm nada de inconveniência, nem com as famílias, as pessoas amam-se por química natural, uma epifania. E isto é, evidentemente, a ideia do amor generalizado. A vantagem de ler livros como o do AP é que nos tornam mais livres, porque sabemos mais sobre a natureza das coisas, e como provavelmente ninguém o fará numa primeira leitura, ao menos que o faça numa segunda leitura, a qual é mais relevante, eis a festa do texto.

